



## *Capítulo 1*

HOLLY SEGUROU A BLUSA DE LÃ AZUL perto do rosto e imediatamente sentiu o perfume familiar, um pesar forte revirando seu estômago e pressionando seu peito. Ela sentiu um arrepio nas costas e nuca e um nó sufocante na garganta. O pânico tomou conta dela. À exceção do zunido baixo da geladeira e dos barulhos ocasionais nos canos, a casa estava em silêncio. Ela estava sozinha. Sentiu ânsia de vômito e correu para o banheiro, onde caiu de joelhos diante do vaso sanitário.

Gerry havia partido para nunca mais voltar. Era a realidade. Ela nunca mais passaria os dedos por seus cabelos macios, nunca mais dividiria com ele uma piada à mesa de um jantar com amigos, nunca mais reclamaria para ele quando chegasse em casa depois de um dia duro no trabalho, carente de um abraço, nunca mais dormiria na mesma cama que ele, nunca mais acordaria com o ataque de espirros dele de manhã, nunca mais riria com ele até a barriga doer, nunca mais brigaria com ele para decidir de quem seria a vez de se levantar e apagar a luz do banheiro. Só restaram um monte de lembranças e a imagem do rosto dele que se tornava mais vaga a cada dia.

O plano deles era bem simples. Queriam ficar juntos até o fim da vida. Um plano que qualquer pessoa de seu círculo de amigos julgaria possível de realizar. Eles eram melhores amigos, amantes e almas gêmeas destinadas a estarem juntas, na opinião de todos. Mas, infelizmente, um dia, o destino mudou de ideia vorazmente.

O fim ocorrera cedo demais. Depois de reclamar de enxaqueca por alguns dias, Gerry concordara com a sugestão de Holly para que fosse ao médico. A

consulta aconteceu em uma quarta-feira no horário de almoço do trabalho. O médico disse que a dor podia ter sido causada por estresse ou cansaço e que, na pior das hipóteses, ele teria de usar óculos. Gerry não tinha gostado nada daquilo, não queria usar óculos. Não precisaria ter se preocupado com isso, uma vez que o problema não estava nos olhos, mas, sim, no tumor que crescia em seu cérebro.

Holly deu descarga e, estremeando com o frio do piso, levantou-se com dificuldade. Ele tinha 30 anos. Nem de longe era um dos homens mais saudáveis do mundo, mas era saudável o suficiente para... bem, para levar uma vida normal. Quando já estava muito mal, dizia, com um bom humor corajoso, que não devia ter levado uma vida tão certinha. Deveria ter usado drogas, bebido mais, viajado mais, saltado de paraquedas depilando as pernas... a lista era enorme. Apesar das risadas, Holly conseguia ver o arrependimento em seus olhos. Arrependimento pelas coisas que nunca reservara tempo para fazer, lugares que nunca conhecera, e o pesar pela perda de experiências futuras. Ele se arrependia da vida que tivera com ela? Holly nunca duvidou de que ele a amava, mas receava que ele acreditasse ter desperdiçado tempo precioso.

Ficar velho tornou-se algo que ele queria alcançar desesperadamente, em vez de uma inevitabilidade temida. Os dois tinham sido muito presunçosos por não terem considerado envelhecer como uma conquista e um desafio. A idade era algo que os dois queriam evitar a qualquer custo.

Holly caminhou de cômodo a cômodo chorando lágrimas pesadas e salgadas. Seus olhos estavam vermelhos e inchados e aquela noite parecia não ter fim. Nenhum lugar da casa oferecia consolo. Apenas silêncio indesejado e a mobília. Desejou que o sofá abrisse seus braços para recebê-la, mas ele também a ignorou.

Gerry não ficaria feliz com aquela situação, pensou ela. Respirou fundo, secou os olhos e tentou colocar a cabeça no lugar. Não, Gerry não ficaria nem um pouco satisfeito.

Assim como fizera todas as outras noites das últimas semanas, Holly caiu em um sono agitado nas primeiras horas da manhã. A cada dia, ela acordava e se via espalhada sem nenhum conforto em cima de um móvel diferente: naquele dia, estava no sofá. Mais uma vez, foi o telefonema de um amigo ou

familiar preocupado que a despertou. Eles provavelmente acreditavam que ela só sabia dormir. Por que ninguém telefonava enquanto ela vagava perdida pela casa, como um zumbi, percorrendo os cômodos à procura de... de quê? O que ela esperava encontrar?

— Alô — respondeu ela, grogue. Sua voz estava rouca de tanto chorar, e há muito tempo ela já havia desistido de tentar fazer uma voz firme para as pessoas. Seu melhor amigo havia morrido e ninguém compreendia que nem toda a maquiagem, o ar fresco e as compras do mundo preencheriam o vazio em seu coração.

— Ah, desculpe, eu acordei você? — A voz preocupada da mãe de Holly soou do outro lado da linha.

Sempre o mesmo papo. Toda manhã, sua mãe telefonava para ver se ela havia sobrevivido à solidão durante a noite. Sempre temendo acordá-la, mas, ao mesmo tempo, aliviada por ouvi-la respirando; contente por ver que a filha havia encarado os fantasmas da noite.

— Não, eu estava só cochilando, tudo bem. — Sempre a mesma resposta.

— Seu pai e Declan saíram e eu estava pensando em você, querida. — Por que aquela voz carinhosa e calma sempre deixava os olhos de Holly marejados? Ela conseguia imaginar o rosto preocupado, as sobrancelhas cerradas, a testa franzida. Mas Holly não se sentia acalentada. Lembrava-se do motivo pelo qual eles estavam preocupados e que não deveriam estar. Tudo deveria ser normal. Gerry deveria estar ali ao lado dela, rolando os olhos para cima e tentando fazê-la rir enquanto sua mãe tagarelava. Muitas vezes, Holly teve que entregar o telefone a Gerry, pois começava a rir sem parar. E então, ele começava a conversar sem parar, ignorando Holly, que pulava em cima da cama fazendo caretas e dancinhas engraçadas só para ele rir. Raramente atingia seu objetivo.

Ela fazia “hums” e “ahs” ao longo da conversa, ouvindo sem escutar nada do que era dito.

— O dia está lindo, Holly. Seria extremamente benéfico para você sair para dar uma volta. Respirar um pouco de ar fresco.

— Hum, acho que sim. — De novo, o tal do “ar fresco” que supostamente resolveria todos os seus problemas.

— Talvez eu ligue mais tarde e podemos conversar.

— Não, obrigada, mamãe, eu estou bem.

Silêncio.

— Certo, tudo bem... Telefone para mim se mudar de ideia. Estarei livre o dia todo.

— Certo.

Mais silêncio.

— Mas obrigada.

— Certo... Cuide-se, meu amor.

— Vou me cuidar. — Holly estava prestes a colocar o telefone no gancho, mas ouviu a voz da mãe de novo.

— Oh, Holly, quase me esqueci. Aquele envelope ainda está aqui à sua espera, aquele sobre o qual eu falei. Está em cima da mesa da cozinha. Talvez você devesse buscá-lo, porque está aqui há semanas e pode ser importante.

— Duvido. Provavelmente é só mais um cartão.

— Não, acho que não, querida. Está endereçado a você e acima de seu nome está escrito... Espere um pouco, vou pegá-lo... — Ela colocou o telefone em cima da mesa, e Holly ouviu o som dos saltos no piso, cadeiras sendo arrastadas, passos mais altos, sua mãe pegando o telefone de novo...

— Você ainda está aí?

— Sim.

— Certo. Em cima, está escrito “A Lista”. Não sei o que isso quer dizer, meu amor. Vale a pena dar uma...

Holly soltou o telefone.